

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

DIRECTOR — Manuel da Silva Campos

Proprietário da Confederação Geral do Trabalho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.812

Domingo, 19 de Outubro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração: Tiogras
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-9

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 + 115

Editor — Carlos Maria Coelho

CONGRESSOS OPERARIOS

Hoje, na linda cidade de Aveiro, reúne-se em congresso quarenta e oito sindicatos marítimos. O número das organizações que se fazem representar, os assuntos que vão discutir-se, a quantidade de militantes que se reúnem, fazem daquele congresso uma bela manifestação de vitalidade operária.

Um congresso representa sempre um avanço para qualquer colectividade operária. A ansia de aprofundamento, as discussões, a troca de ideias, a confraternização entre militantes que em rega vivem afastados, as amizades que se consolidam, as relações entre sindicatos que se estreitam e a natureza dos critérios que se adoptam e das resoluções que se tomam, fazem destas grandes assembleias operárias verdadeiros fulcros de actividades novas e dão-nos esperança de melhor futuro.

A "Batalha", convencida de que do Congresso Marítimo, que hoje inicia os seus trabalhos, muito útil virá para a Organização Operária, saída os congressistas e a classe marítima, augurando-lhe um futuro cheio de prosperidades.

Nestes últimos tempos temos, com regozijo registrado entre o operariado uma benéfica efervescência, que tomamos como prenúncio duma época de ressurgimento.

Várias são as classes que, ante a desmoronização da casta burguesa, sentem a necessidade de remodelar os seus quadros sindicais, tornando-os mais aptos para a luta que se anuncia cada vez mais ronhada e difícil.

O capitalismo, à medida que se desmoroniza, que vai perdendo a autoridade moral para se sustentar num predomínio iníquo, mais desejo tem de se fortalecer, combatendo com todas as suas armas a legião produtora e explorada.

Como os agonizantes que sentem a morte pairar-lhes a cabeceira, a sociedade capitalista tem em viver. E no desespero dessa prolongada agonia pretende varrer, num último arranço, todos os obstáculos que se erguem a impedir que a sua vida de imortalidade a de corrupção perdure.

As ditaduras reaccionárias e violentas como a de Mussolini ou de Rivera; os movimentos colectivos das forças exploradoras, como esse a que acabamos de assistir em Portugal, são sintomas que devemos observar com atenção, por quanto representam as cartadas que a burguesia joga para manter-se de pé, por mais algum tempo.

Por sua vez, o operariado não deve iludir-se com essas exteriorizações de força, que, no fundo traduzem a fraqueza duma classe que não tem o direito histórico de subsistir. A melhor maneira de responder aos manejos do capitalismo, que se organiza para nos atacar, é organizarmo-nos, para nos defendermos. Bem andaram as classes marítimas em reunir-se agora em Congresso a fim de concertar o melhor plano de ação e a melhor forma de organização que prepare a vitória do proletariado.

Mas, esta ansia de remodelação não se verifica apenas entre os marítimos. Felizmente, essa actividade estende-se a muitas outras classes, sendo natural que em breve, a grande maioria do operariado do país lhes siga os exemplos benéficos.

Também as classes corticeiras preparam para breve o seu congresso nacional. Os corticeiros que têm na sua história tantas belas afirmações revolucionárias, que ainda não há muito tempo fizeram uma greve formidável que mostrou bem os recursos morais e as qualidades de combate dos seus componentes, vão no próximo congresso corporizar, "proveitar melhor" todas as energias com que contam.

Temos ainda a registrar o Congresso dos Manufactores de Calçado, Couros e Peles, que muito têm trabalhado na propaganda de organização da sua classe e que pela natureza do trabalho da sua indústria são forçados a disperder grandes energias para insuflar nos trabalhadores do calçado aquelas

O 19 DE OUTUBRO

Mais um ano passa hoje sobre a revolução de 19 de outubro. Teria sido uma revolução política como outra qualquer se não tivesse dois factos a recordá-la: uma, de natureza trágica, outra, idealista que se perdeu, que se evitou como um sonho que, sem transição, se mudasse subitamente em pesadelo.

Os homens que a fizeram, com planos embora nubilosos e por vezes ingénios, não contaram com o ódio e a espécie de censura que se fez em volta do restrito número de vidas que tombaram. Foi a noite trágica do Arsenal que fez fracassar o movimento revolucionário de eletrônico triunfo. Se nessa revolução, como em tantas outras, perdessem tanta homens que não fosse possível contá-los nem inumerar-lhes os nomes, o triunfo teria sido mais duradouro e sólido. Parece um paradoxo, mas o sentimento humano regula-se assim por estas leis contraditórias.

Por isso, tudo quanto há de sentimental em nós se confrange ao recordar a morte de Carlos Gentil, Machado Santos, Carlos da Maia e António Granjo, cadáveres que se atravessaram no caminho que o governo revolucionário queria trilhar livremente.

Passaram três anos. Estamos ainda muito perto dos acontecimentos para julgá-los com imparcialidade.

Parceiros, entretanto, que aquelas que com lágrimas abundantes choraram a perda dos políticos que então desapareceram, o fazem mais por especulação política do que por sentimento de humanidade, tanta vez desmentido pela indiferença feroz com que acolhem os bárbaros assassinatos cometidos pelos defensores da ordem estabelecida.

A "Batalha" registando todos estes factos que são belos sintomas de vida, de energia e de actividade, saúda nas classes marítimas hoje reunidas, todo o operariado do país que, consciente dos seus direitos, se prepara para trilhar com firmeza o caminho da emancipação.

Por absoluta falta de espaço não se publica hoje o folhetim.

Conferência Juvenil

val realizar-se no Porto nos dias 25, 26 e 27 do corrente

Nestes últimos tempos a mocidade operária do Porto tem-se evidenciado num fervor simpático de propaganda e organização revolucionária.

Além de inúmeras sessões e conferências que a Juventude Sindicista do Porto tem promovido, há entre aqueles moços proletários a preocupação de dar ao próximo congresso juvenil uma importância e grandeza excepcionais.

Os trabalhos preparatórios desse congresso estão sendo realizados com método e perseverança.

Apraz-nos regularizar e com tal a organização Operária deve regositar-se, em breve, n.ºs dias 25, 26 e 27 do corrente a mocidade revolucionária do Porto, vai reunir-se numa importante conferência a fim de discutir os assuntos de maior interesse quer para juventude em particular, quer para o operariado em geral.

Temos presente um número único do jornal «A Conferência Juvenil», que inclui algumas das teses que serão discutidas.

Esse jornal que consta de seis páginas de composição compacta, representa um belo esforço e traduz a grande vontade que os jovens têm de trabalhar pela causa da emancipação humana.

As teses a discutir na conferência são as seguintes: «Organização local das Juventudes Sindicistas», «A Organização Social das Juventudes Sindicistas e o seu perfeccionamento», «A educação revolucionária do jovem», «Educação, Arte e a Mocidade Revolucionária», «A mocidade e o desporto», «A propaganda revolucionária e a mocidade proletária», «As Juventudes Sindicistas e a sua organização», «A instrução e o povo no Povo Nogueira de Brito».

As touradas pela Dr. A. D. Adelaide Cabete

O que todos devem saber... (com gravuras)

Chico, Zecas & C. (com gravuras)

Caricaturas de Stuart Carvalhais

LEIAM AMANHÃ O

Suplemento literário de A BATALHA

SUMÁRIO:

Anatole France por J. B. (com retrato)

Respostas ao inquérito sobre a mulher proletária de Constantino Figueiredo e Alberto Monteiro

Carlos Cafiero por Acrató Llull (com retrato)

Francisco Ferrer pelo Dr. Pedro Vallina

A mulher através das cidades por José Carlos de Sousa

Aniceto Moralista por Cristiano Lima

A instrução e o povo no Povo Nogueira de Brito

As touradas pela Dr. A. D. Adelaide Cabete

O que todos devem saber... (com gravuras)

Chico, Zecas & C. (com gravuras)

Caricaturas de Stuart Carvalhais

Suplemento Semanal Ilustrado de A BATALHA

— Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — Além de variada e interessante colaboração, e a secção permanente «O que todos devem saber», cumpriram salientar três estudos que se vêm fazendo neste semanário, e que é todo o educador moderno cumprir seguir e acompanhar, para bem da sua missão social. R. ferim-nos à série de artigos do dr. João Camões sobre «O Trabalho e a Vida», os da dr. Adelaide Cabete acerca de «Palestras sobre higiene» e o oportuno e importante inquérito respeitante à intromissão consciente da mulher na vida social e nomeadamente nos organismos profissionais.

Temos ainda a registrar o Congresso dos Manufactores de Calçado, Couros e Peles, que muito têm trabalhado na propaganda de organização da sua classe e que pela natureza do trabalho da sua indústria são forçados a disperder grandes energias para insuflar nos trabalhadores do calçado aquelas

Da revista de pedagogia e sociologia Educação Social

Realizou-se ontem o funeral do grande escritor

PARIS, 18. — Durante todo o dia de ontem e a manhã de hoje o público desfilou silenciosamente perante a urna que encerra os restos mortais de Anatole France, prestando-lhes assim o seu último tributo de homenagem.

A uma hora da tarde foi o ataúde transportado para o cemitério de Malakalas, onde deante do instituto se achava erguido o catafalco, sendo-lhe prestadas honras militares.

Em tribunas armadas na praça encontravam-se o presidente da república, os membros do governo, parlamentares, académicos. Numerosas personalidades do mundo político, literário e científico que se achavam desfilando, e as crianças das escolas desfilaram perante a cegueira de elogios.

Nos funerais de Anatole France foi notada a presença do dr. Caillaux que, expulso da França por cinco anos, obteve uma licença especial para assistir à cerimónia fúnebre.

O seu testamento

No dia 14 efectuou-se a abertura do testamento de Anatole France. Este testamento, muito curto, regula equitativamente os interesses da viúva e do neto do grande escritor. Nada indica nesse testamento, as últimas vontades do desaparecido no que diz respeito aos funerais. Embora ele tivesse feito entrever por vezes a sua vontade de ser enterrado no cemitério de St. Cyr si Loire, parece que essa eventualidade não se produziu.

A herança literária do autor do *Lys Rouge* foi feita em regra, há alguns meses, por uma convenção que o escritor fez com o seu editor e amigo Max Calmann-Lénny. As suas obras completas vão ser publicadas. Dois volumes inéditos apercecerão à juventude de *St. Cyr* e *Radegonde*, do qual apenas existem raras exemplares, será reditado.

Anatole e o comunismo

A propósito de Anatole France es-

creve o órgão do partido comunista francês:

— Isto quer dizer que ele tinha sido verdadeiramente dos nossos? Não. Este intelectual da envergadura dos Montaigne, dos Voltaire, dos Renan, não podia conceber em toda a sua amplitude a revolução proletária que, no seu grande amor pela justiça, ele talvez desejaria. A inevitável violência das convulsões sociais incomodava um tanto factos os seus hábitos de espírito. Se admira a luta da classe, era como último recurso. As soluções pacíficas coadunavam-se melhor à tranquilidade do seu pensar.

Não foi um homem político que empenhou a prosteridade, mas tam sólamente um genial escritor que levou a um alto grau de perfeição o uso das palavras que traduzem os tons mais delicados do pensamento humano.

A leitura dos seus livros será sempre um encanto para as gerações futuras como o já para os seus contemporâneos. Seria impossível encontrar um maior espírito filosófico aliado a uma maior clareza de expressão.

A revolução proletária que Anatole France, por vezes entreveu, e desejava como preservamente a sua independência, desapareceu no que diz respeito aos funerais. Embora ele tivesse feito entrever por vezes a sua vontade de ser enterrado no cemitério de St. Cyr si Loire, parece que essa eventualidade não se produziu.

A herança literária do autor do *Lys Rouge* foi feita em regra, há alguns meses, por uma convenção que o escritor fez com o seu editor e amigo Max Calmann-Lénny. As suas obras completas vão ser publicadas. Dois volumes inéditos apercecerão à juventude de *St. Cyr* e *Radegonde*, do qual apenas existem raras exemplares, será reditado.

As pretensões dos «pacifistas» franceses

— Mr. Dumensilh, ministro da Marinha francesa, acaba de expôr a alguns jornalistas privilegiados o seu programa naval:

— O que eu desejo, disse o grande partidário do Bloco das Esquerdas, é construir, construir mais do que nunca, renovar as unidades existentes que valham a pena... numa palavra, eis o meu resumo: construir duma maneira contínua, curvamo-nos comovidos pelo belo labor deste grande trabalhador das letras, que foi incontestavelmente o maior do seu tempo e que sob todos os pontos de vista soube bem empregar as horas da sua vida.

O desarmamento

As pretensões dos «pacifistas» franceses

— Mr. Dumensilh, ministro da Marinha francesa, acaba de expôr a alguns jornalistas privilegiados o seu programa naval:

— O que eu desejo, disse o grande partidário do Bloco das Esquerdas, é construir, construir mais do que nunca, renovar as unidades existentes que valham a pena... numa palavra, eis o meu resumo: construir duma maneira contínua, curvamo-nos comovidos pelo belo labor deste grande trabalhador das letras, que foi incontestavelmente o maior do seu tempo e que sob todos os pontos de vista soube bem empregar as horas da sua vida.

Preparam-se os armamentos e abrem-se casernas, para a próxima guerra necessária à expansão capitalista.

Os pacifistas burgueses honram a defesa nacional...

A perseguição a Buisel

Uma sessão de protesto

do Núcleo da Juventude Sindicista de Silves

Para apreciar a perseguição que os elementos reaccionários de Portimão movem contra José Buisel retinu o Núcleo da Juventude Sindicista de Silves, estando convocados a fazer uso da palavra vários elementos em destaque nas suas reuniões, contando a comissão escolar com a sua cooperação.

E' de facto, vergonhoso para uma classe laboriosa, como é a dos operários, que dentro dos limites do possível doteia a comissão com os requisitos necessários a poder levantar a sua missão, que é a instrução das crianças, que tão necessária se torna no período difícil em que nos encontramos.

Um protesto dos presos sociais e políticos do governo civil

Os presos políticos e sociais que se encontram no governo civil encarregaram-se de enviar uma carta ao director da Polícia de Segurança do Estado protestando contra o facto de estarem privados da liberdade há mais de 30 dias, sem culpa formada e sem sequer terem sido ouvidos por aquela autoridade, ao contrário do que foi publicado, no intuito talvez de induzir a opinião pública sobre a tremenda arbitrariedade que se está cometendo.

A carta, que põe ainda em relevo as terríveis condições anti-higiênicas e a aviltante promiscuidade moral a que estão sujeitos os seus signatários, foi devolvida, mas nesse dia foram chamados a prestar perguntas, a isso se negaram porque entendem que devem ser ouvidos primeiramente pelo director da P. S. E. a fim de que a sua situação seja esclarecida sem mais delongas.

Como a polícia inventa agitadores

Em 30 de setembro último foram presos as primeiras horas da madrugada Joaquim da Cruz Faria e Manuel Gal Garrido, empregados na padaria da sua 20 de Abril, 159.

Publicaram os jornais que aquelas eram conduzidas para a esquadra um grupo de indivíduos pretendentes libertários disparando alguns tiros que foram ferir um polícia. Segundo uma carta que recebemos de Manuel Simões

Teatro Apolo • Penúltimo domingo de OS MINEIROS •

MARINHA MERCANTE NACIONAL

Serviço de saúde a bordo dos navios de carga

Divulga-se uma opinião valiosa que vem corroborar a razão da nossa campanha

Não foi em vão que ao iniciarmos esta campanha apelamos para a solidariedade de todos os trabalhadores do mar.

A carta que a seguir publicamos, e que nos foi dirigida por um dos mais conceituados tripulantes, da Secção de Câmaras, de um dos navios da S. G. C. T. «União Fabril», mostra com clareza a simpatia e entusiasmo com que foi recebido o brado de início que daqui largamos em prol da conquista de uma realidade que as próprias Empresas da Navegação deveriam ser as primeiras a outorgar.

Passamos a transcrever a carta que o nosso preso camarada nos dirigiu:

«As camaradas da Comissão Administrativa do Sindicato dos Inscritos Marítimos-Pessoal de Câmaras:

A iniciativa que tomastes, de ventilar por intermédio da imprensa operária, e jornal *A Batalha*, a necessidade que os trabalhadores da nossa Marinha Mercante têm de conseguirem que a bordo de todos os barcos seja montado uma eficiente assistência hospitalar, com os respectivos enfermeiros, de que todos carecem em viagem, quando são acometidos por febres e por outras indisposições do organismo, ou ainda vítimas de qualquer desastre, deve ter causado em todos os interessados — como em mim — grande e justificável satisfação.

De facto, a nossa saúde e as nossas próprias vidas têm sido objecto de poucos ou nenhum cuidados por parte dos armadores.

E se considerarmos bem sobre os perigos que advêm da própria diferença climática, para nós, que vijamos para as regiões doceas (Açores) não haverá certamente quem não apoie um movimento que surge tão espontâneo como oportuno para reclamar o estabelecimento de medidas de saneamento que as próprias autoridades republicanas deveriam decretar.

E aci bem que em vez de reclamar do Estado quaisquer leis ou decretos tendentes a obrigar todos os armadores a contratar os enfermeiros necessários às numerosas tripulações, reclamais do próprio patronato que dispense a devida atenção à saúde de quem têm sido recusados até agora quaisquer cuidados de médicos ou enfermeiros.

Quantos e quantos companheiros nossos têm adopcião e morrido sem essa assistência e sem esses cuidados?

Ainda há pouco, a bordo dum dos melhores barcos dum famosa empresa de navegação, um nosso camarada foi vítima dum golpe que, à primeira vista, parecia não merecer mais que o trivial escorpião do álcool depositado, no fundo dum garrafão... Passaram os dias e aquele golpe agarrou-se; surgiram sintomas de gangrena, e a não estar o navio fundeado em Lourenço Marques, onde, bons ou maus que sejam, há médicos para quem se apelar, ter-se-ia verificado um desenlace fatal como muitos que eu tenho presenciado.

Eis como os homens que se dizem humanitários salvaram casos tan graves!

Não ficaremos por aqui enquanto a nossa campanha não for tomada na devida consideração no seio daqueles que têm o dever de velar pela saúde dos que morrem no mar, e o fim que almejamos não é um fatto.

A Comissão Administrativa do Sindicato dos Inscritos Marítimos — Pessoal de Câmaras.

gusto, Manuel Francisco e José Joaquim Branco; Marítimos de Vila Franca de Xira, António Matos, Pelourinho, Manuel José Vieira e Gonçalo Rodrigues Pardal;

Descarregadores de Vila Franca de Xira, António Júlio; Descarregadores de Albanda, José Carvalho Bacatum; Descarregadores da Póvoa de Santa Iria, Joaquim do Vai; Sindicato do pessoal de Rebocadores e Gazolinas, António Ferreira da Conceição; Sindicato dos Barqueiros e Fragateiros do Rio Douro, Alvaro da Silva; Descarregadores de Mar e Terra do Barreiro, Ventura Cruz; Marítimos de Viana do Castelo, Joaquim Dore, Manoel Domingues e António Gonçalves Freitas; Marítimos da Póvoa de Varzim, João Pinheiro Cadiha e Leopoldino Loureiro;

Descarregadores de Mar e Terra de Aldeagaleira, Manuel da Rocha Lopes; Sindicato da Construção Naval do Seixal, Francisco Cunha; Marítimos de Olhão, Carlos Cristovam de Sousa; Associação dos Calafates do Póvoa e Gaias, António da Silva Soares; Associação dos Fragateiros do Póvoa de Lisboa, João Pedro Gonçalves, José Maria de Oliveira, Bonsucesso e Manuel Magalhães Carvalhal.

Os novos compositores da Imprensa Nacional

O júri do concurso de compositores, que ultimamente se realizou na Imprensa Nacional de Lisboa, aprovou os seguintes candidatos, que deverão apresentar-se amanhã naquele estabelecimento, a fim de lhes ser marcado o dia de admissão: Artur Cruz, Híjarido da Silva Ferreira, Augusto da Silva Abreu, Artur Picarra, Francisco Rodrigues de Sousa, José Gouveia Gaivão, Augusto Fernandes de Oliveira e Manuel Ferreira.

Associação dos Trabalhadores da Imprensa

Reuniu ontem a direcção da Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa, tendo aprovado as propostas de sócios dos srs. Artur de Oliveira, Remédios de Bettencourt, Ricardo Negri, Augusto da Esaguy, Félix Bermudes e Mário Duarte.

Os membros da direcção, em exercício, resolveram demitir-se, por se sentirem desconsiderados com o procedimento havido na última assembleia geral extraordinária, na qual foi nomeada uma comissão para tratar de assuntos de competência dos corpos gerentes.

Chevem os empenhos para se conseguir os melhores lugares de EDEN TEATRO que tem em cena a mais bela peça que se tem representado em Portugal:

As Despedidas • A CAUSA CELEBRE

DIA 1 DE NOVEMBRO:

INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA DE INVERNO

Inauguração da época de inverno

— NO —

Teatro Nacional ALMEIDA GARRETT

com a REPRISE da tragédia histórica em 12

quadros do saudoso dramaturgo

MARCELINO MESQUITA

O REGENTE

23 de Outubro

Quinta-feira
23 de Outubrona bilheteira deste teatro continua
aberta a folha para
OITO RÉCITOS DE ASSINATURA
que serão dadas com QUATRO
ORIGINAIS PORTUGUESES e qua-
tro REPRISES.

23 de Outubro

Quinta-feira
23 de Outubro

Um conflito escolar

Os alunos da Escola Ferreira

Borges aprovaram ontem
a greve de protesto

Reuniu ontem, em sessão magna, os alunos desta Escola presidindo o aluno Gouveia Jorge secretariado pelos alunos Afonso Júnior e Manuel Rodrigues.

O aluno Lopes da Costa descreveu o conflito desde o seu inicio até ao actual momento. Falaram vários alunos entre Horácio Ribeiro, Corrêa Pinto, Ajubilero, tendo todos manifestado o seu protesto contra as nomeações e imediatamente feitas, sendo aprovada por aclamação uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Os alunos da Escola Comercial de Ferreira Borges reunidos em sessão magna resolvem protestar críticamente abandonando as aulas contra as nomeações dos srs. Augusto Campilho de Lima Barreto e José Elias Garcia respectivamente para os lugares de Director da Escola e professor de inglês.

2.º Os alunos matriculados na cadeira de Inglês reúnem-se para apresentarem a nomeação do professor para a referida cadeira e resolvem a forma de se ver conseguido o afastamento do Elias Garcia daquele lugar;

3.º É nomeada uma nova comissão de «demarches» composta de onze alunos, que resolverá sobre a oportunidade de duração do protesto dando cumprimento a todas as resoluções desta Assembleia e das alunos da cadeira de Inglês;

4.º São dados plenos poderes à Comissão de Demarches para resolver sobre a marcha do conflito o que mais de prático provelho lhe pareça para se verem satisfeitas as nossas reclamações;

5.º Os alunos saíram com entusiasmo o seu ilustre Director Bueno e Martins a quem rendem as mais justas homenagens;

6.º É saudada toda a Imprensa diária da Capital, contando os alunos e a comissão de «demarches» com a sua colaboração neste protesto contra a desmoralização do Ensino Técnico Português;

7.º Que a comissão de «demarches» entregue ao Ministro do Comércio cédula desta moção.

A Vida Sindical

U. S. O.

Comissão administrativa

Reunião amanhã, pelas 20 horas, a Comissão Administrativa.

COMUNICAÇÕES

Federación da Construcción Civil

Educaçao do Trabalho e Solidariedade

Reunião ante-ontem o Conselho Central

deste organismo, estando representados os seguintes organismos:

M. Horta (Fajal, Açores), Monção, Alcains, Viana do Castelo, Espinho, Olhão, Tires e arredores, Paredes (Norte), Matosinhos, Santa Bárbara de Neiva, Mindelo, Póvoa, Messines e Lagos.

O aluno Lopes da Costa descreveu o conflito desde o seu inicio até ao actual momento. Falaram vários alunos entre Horácio Ribeiro, Corrêa Pinto, Ajubilero, tendo todos manifestado o seu protesto contra as nomeações e imediatamente feitas, sendo aprovada por aclamação uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Os alunos da Escola Comercial da Boa Vista, que foi presente no Congresso e que diz respeito a subsídios a presos por questões sociais, sendo muito devidamente abandonando as aulas contra as nomeações dos srs. Augusto Campilho de Lima Barreto e José Elias Garcia respectivamente para os lugares de Director da Escola e professor de inglês.

2.º Os alunos matriculados na cadeira de Inglês reúnem-se para apresentarem a nomeação do professor para a referida cadeira e resolvem a forma de se ver conseguido o afastamento do Elias Garcia daquele lugar;

3.º É nomeada uma nova comissão de «demarches» composta de onze alunos, que resolverá sobre a oportunidade de duração do protesto dando cumprimento a todas as resoluções desta Assembleia e das alunos da cadeira de Inglês;

4.º São dados plenos poderes à Comissão de Demarches para resolver sobre a marcha do conflito o que mais de prático provelho lhe pareça para se verem satisfeitas as nossas reclamações;

5.º Os alunos saíram com entusiasmo o seu ilustre Director Bueno e Martins a quem rendem as mais justas homenagens;

6.º É saudada toda a Imprensa diária da Capital, contando os alunos e a comissão de «demarches» com a sua colaboração neste protesto contra a desmoralização do Ensino Técnico Português;

7.º Que a comissão de «demarches» entregue ao Ministro do Comércio cédula desta moção.

A Vida Sindical

U. S. O.

Comissão administrativa

Reunião amanhã, pelas 20 horas, a Comissão Administrativa.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Sindicato Único Metalúrgico do Póvoa

Reunião a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para eleger o respectivo presidente e tratar de outros assuntos urgentes.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Sindicato Único Metalúrgico do Póvoa

Reunião a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Porteiros de casas de espetáculos, cinemas e anexos — Reunião, pelas 16 horas, a assembleia geral para apreciar o relatório de contas da C. A.

do ano findo, movimento das «fórcas vivas» e vários assuntos.

Ato de navegação e o desenvolvimento da Marinha Mercante Nacional

(Tese a apresentar no Congresso Marítimo em Aveiro)

A marinha mercante foi sempre, e até mesmo através dos tempos pré-históricos, o principal propulsor que se impõe realizar para o desenvolvimento comercial e económico dos povos. Foram os fenícios e egípcios os primeiros povos que mais desenvolveram a antiguidade o seu comércio marítimo, pela sua situação geográfica e pela necessidade de expandir a sua actividade comercial.

Nas suas relações comerciais serviam-se a princípio de jangadas, que muito aperfeiçoaram. Seguiu de progresso em progresso, chegaram mais tarde ao Gául, navio de remos com que abasteciam todos os mercados do Mediterrâneo dos produtos da sua florescente indústria, e demandaram com estes navios, o Báltico e Ilhas Britânicas em busca de estanho e de âmbar amarelo, exercendo os egípcios mais a sua actividade no Golfo do Pérsico, em busca de perfumes e outras especiarias.

Seguiram-se aos fenícios e egípcios os gregos, e, mais tarde, os romanos no progresso das construções navais e actividade comercial marítima, apresentando já em meados do século IV da nossa era navios com duas e três ordens de remos por cada bordo, encontrando estes navios ao serviço do comércio marítimo ainda no século XIV.

No entretanto aparece em Portugal, no começo do século XV, o navio propriamente dito de vela — a caravela — tipo exclusivamente português e com a qual se inaugurou o novo comércio com as feitorias da Costa da Mina e se restabeleceram as primeiras relações comerciais entre a Europa e o Novo Mundo.

Descoberto depois o caminho marítimo para a Índia, passa Lisboa a ser o centro comercial do Oriente, absorvendo todo o comércio marítimo desde o Japão, Cína, Índia, Austrália até à Flandres, transportando as pedrarias, ouro, perfumes e outras especiarias orientais.

Foi neste período que Portugal se impôz duma forma invulgar ao mundo interno, e foi também neste período que o Portugal financeiramente soube conquistar o melhor lugar que regista a sua história, devido muito principalmente à sua colossal frota comercial marítima, que com o decorrer dos tempos foi infelizmente suplantada pelas frotas holandesas e inglesas, as quais ainda hoje ocupam um lugar predominante nas marinas de comércio contemporâneas: comércio do carinho e atenção que os governos desses países têm prestado à sua marinha do comércio desde épocas remotas, já decretando e promulgando leis que a protegem e ao mesmo tempo modificando o seu acto de navegação segundo a evolução dos tempos.

Além destes países temos ainda a considerar outros, no desenvolvimento da sua marinha mercante, como sejam, a Alemanha, a França, a Suécia, a Dinamarca e Noruega, em que tanto particulares como governos estudam com carinho o progresso e desenvolvimento das suas marinas comerciais e em que os actos de navegação porque se regem são bastante desenvolvidos e completos protegendo os capitais nacionais que neles se empregam, dando ao mesmo tempo liberdade a capitais estrangeiros que intensificam a sua marinha de comércio, de modo a que, no capital representativo de sociedades, companhias ou empresas de navegação, seja sempre o capital nacional mais de metade, e respeitante não importa que seja estrangeiro.

Então só sucede exactamente o contrário. Portugal, nação marítima, de tradições marítimas, terceira potência colonial marítima, tem apenas uma nave ao Congresso.

CONCLUSÃO

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n.º 1 do art. 3.º do acto de navegação diz: «a parte respeitante a navios adquiridos no estrangeiro para serem considerados portugueses.

O n

Para conseguir cabeleiras assim



Use o

Óleo de Mão de Vara

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e evitando a caspa. 50 anos de venda asseguram os seus bons efeitos. (—) Frasco 2.200. Para a província 3.200

Perfumaria Mendonça

— 43, CALÇADA DO COMBRO, 4
LISBOA

MOVEIS E ESTOFOS

FREDERICO FERREIRA

ESTOFADOR e DECORADOR PROFISSIONAL
Móveis de casa de jantar, quarto, sala e escritório. Encarregue-se de todo o trabalho concernente à sua arte, pelo sistema inglês, assim como olear e ornamentar casas completas

Antigo fabricante de MAPLES em todos os gêneros

Rua Passos Manuel, 41 e 43 — Tel. N. 1369

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapeus, lisos e mesclados em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu novo, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 2.º

2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegre, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jauré (Exclusivo)

A maçonaria (2.º), 1923, 1923

Porque o cravo é 1923, 1923

O proletariado (3.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (4.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (5.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (6.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (7.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (8.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (9.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (10.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (11.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (12.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (13.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (14.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (15.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (16.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (17.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (18.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (19.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (20.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (21.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (22.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (23.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (24.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (25.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (26.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (27.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (28.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (29.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (30.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (31.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (32.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (33.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (34.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (35.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (36.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (37.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (38.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (39.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (40.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (41.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (42.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (43.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (44.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (45.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (46.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (47.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (48.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (49.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (50.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (51.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (52.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (53.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (54.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (55.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (56.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (57.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (58.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (59.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (60.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (61.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (62.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (63.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (64.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (65.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (66.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (67.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (68.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (69.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (70.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (71.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (72.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (73.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (74.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (75.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (76.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (77.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (78.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (79.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (80.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (81.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (82.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (83.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (84.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (85.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (86.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (87.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (88.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (89.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (90.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (91.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (92.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (93.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (94.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (95.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (96.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (97.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (98.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (99.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (100.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (101.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (102.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (103.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (104.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (105.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (106.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (107.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (108.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (109.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (110.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (111.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (112.º), 1923, 1923

O sindicalismo e os interesses da classe (113.º), 1923, 1923